

*Intelectuais no exílio: onde é a minha casa? **

ADELIA MARIA MIGLIEVICH RIBEIRO

Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: O fenômeno migratório contemporâneo, dentro do qual se insere o exilado, revela *fraturas* na dignidade humana. Ao intelectual no exílio impõe-se a tarefa de conquista de uma “perspectiva alternada”. “Colocar-se fora de casa” é o imperativo moral para que, ao se constatar que “todas as avaliações são falsas”, este possa elaborar seu autêntico pensamento crítico. O artigo expõe a escrita sobre o exílio de intelectuais exilados, na ênfase às reflexões de Adorno e de Said. Em seguida, focaliza a América Latina perturbada pelos golpes militares que impuseram o exílio, dentre outros, a Darcy Ribeiro, Angel Rama e Mario Benedetti, antes reunidos no Uruguai em torno do *Cuadernos de Marcha*. Articulando, assim, as experiências de desabrigo e não-reconhecimento à força do intelectual *outsider*, o artigo apresenta, sob lentes diferentes, os temas da integração latino-americana, da nação e do humanismo.¹

Palavras-chave: Exílio; Intelectual; Teoria Crítica, Pensamento Pós-Colonial; Darcy Ribeiro.

Abstract: The migratory phenomenon contemporary, inside of which the exiled is part, discloses ruptures to the dignity human being. Upon the intellectual in the exile it is imposed the task of a conquest of an “alternating perspective”. “To place oneself away from home” is a moral imperative to push one for, by making certain that “all evaluations are not true”, elaborating on one’s authentic critical thought. This article is about the writing of exiled intellectuals, with reflections on Adorno and Said. After that, it focuses on the Latin America that is disturbed by the military blows that have imposed the exile, amongst others, the Darcy Ribeiro, Angel Rama and Mario Benedetti, before congregated in Uruguay around the *Cuadernos de Marcha*. Thus, articulating, the experiences of homelessness and non-recognition as a outsider intellectual, the article presents, from distinct standpoints, the subjects of the Latin American integration, the nation and the humanity.

Keywords: Exile; Intellectual; Critical Theory; Postcolonial Thought; Darcy Ribeiro.

Apresentação

Ter raízes é talvez a necessidade mais importante e menos reconhecida da alma humana (Simone Weil)

O exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele, ou ele nos acontece. (Edward Said)

Theodor Adorno, o filósofo e teórico crítico judeu alemão, da primeira geração frankfurtiana, em sua obra-prima, *Mínima Moralía*, também em sua autobiografia escrita entre 1944 e 1947, no exílio nos Estados Unidos, cujo subtítulo é *Reflexões a partir da vida lesada (Reflexionen aus dem beschädigten Leben)*,² propõe uma *teoria do exílio moderno* atento à figura do *intelectual em trânsito* em seus tantos deslocamentos que expressam a movimentação da própria contemporaneidade, na qual, o testemunho dos genocídios sob a sanção do Estado-Nação, alertava que *a casa é passado*. Com grave ironia, Adorno postula que faz parte da moralidade moderna *não se sentir em casa na própria casa*.

Experimentando ele próprio a condição dilacerante de estar em terra estrangeira, Adorno inicia por considerar as dificuldades a que se expõe aquele que perde a casa. Vive num ambiente que lhe permanecerá incompreensível e, por mais que conheça, quer as organizações sindicais quer o tráfego urbano, estará sempre desorientado. O exilado é, sem exceção, *prejudicado*. A experiência do isolamento soma-se à descaracterização de sua língua nativa e ao sepultamento de suas raízes. A análise de Adorno indica, porém, o exílio como *imperativo moral* ao qual deve o intelectual moderno conscientemente curvar-se; é a sua condição de exilado que lhe faz, verdadeiramente, exercer seu ofício: o pensamento crítico.

Se o trabalho intelectual exige a responsabilidade sobre seus produtos (intelectuais), nada mais distanciado deste do que a indústria cultural cujo grau de leviandade para com sua produção é inconciliável com a *buildung*, o cultivo intransigente de sua própria personalidade em busca de seu aprimoramento. Hostil e hostilizado perante as novas formas culturais, o intelectual há de desenvolver uma consciência crítica que será, também, sua única forma de salvação da *ameaça de morte por inanição ou pela loucura* presente em sua condição de exilado. Para não se perder por completo ou para não sucumbir ao estado dramático de um mundo que o cega, condição

permanente do exílio, Adorno usa a expressão *diagnose de si e dos outros* a fim de se referir à alteração de ótica do intelectual exilado que dribla a *cegueira* que lhe parecia invencível pelos insistentes *deslocamentos da retina* e expande, ao contrário do esperado, seu escopo de visão.

Adorno revela assim uma paradoxal positividade na experiência do exilado: a conquista de uma *perspectiva alternada*, um modo novo de ver, que somente o exílio possibilita. A consciência do infortúnio e da violência parece ser mais clara ao exilado de modo que é seu *olhar deslocado* potente para se opor a esta. Assim, para Adorno, *colocar-se fora de casa* é o imperativo moral para que se proceda à constatação de que “todas as avaliações são falsas” (ADORNO, 2008, p.27) – que jamais se daria se não no exílio, a *morada*, por excelência do intelectual, ou melhor, sua *não-morada*, seu desabrigo, a frenética alternância do olhar e a conquista de outro ponto de vista capaz de ver o que comumente não se via. O preço a se pagar é o de uma vida austera, sem facilidades. Seu olhar diferenciado é fruto unicamente de sua experiência de vida radicalmente prejudicada.

Em *Terra Sonâmbula* (2007), Mia Couto narra Moçambique pós-independência pela itinerância de um velho e de um menino. O *miúdo* Muidinga encontra junto a um cadáver uma bolsa com um diário que começa a ler. Os escritos devolvem-lhe o sonho. Nisto, a escapatória à cegueira num país devastado pela guerra civil: “A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder. Seu veneno circulava agora em todos os rios de nossa alma. De dia já não saíamos, de noite não sonhávamos. O sonho é o olho da vida. Nós estávamos cegos” (COUTO, 2007, p. 17).

É plausível pensar que o sofrimento do exílio acarreta ao fim, nas sociedades que abrigam os exilados, mudanças que não ocorreriam sem tal fluxo migratório. Já se dizia que estudiosos medievais itinerantes e escravos gregos cultos no Império Romano – os exilados (ou os excepcionais dentre eles) – fermentaram seus ambientes. Não podemos, no entanto, pretender reverter em positividade o infortúnio e a privação das necessidades de deslocamentos humanos maciços na atualidade. Os exilados individuais nos forcem a reconhecer a tragédia da falta de um lar. Também o exilado, ainda que retorne, jamais será o mesmo nem seu lar de origem.

Para o intelectual crítico tal experiência é emblemática. Seguir Adorno é assumir estar longe de *casa*, a fim de estranhá-la, como um viajante se espanta com o diferente. O mérito da crítica é igualmente o da autocrítica e se inscreve na capacidade de se observar os fatos, colocando-os sob

suspeição. Suas reflexões são animadas pela crença de que o único lar realmente disponível agora, embora frágil e vulnerável, é a escrita.

Georg Lukács, relido por Said (2003), sustentou que o romance, forma literária criada a partir da fantasia, emana de uma realidade marcada pela instabilidade, na qual sujeitos comuns, mesmo os itinerantes e deserdados, pensam poder construir um mundo novo. No romance, diferentemente da epopéia, o destino é desdito e se apresentam às personagens e aos leitores outros mundos possíveis. Podemos nos perguntar de que modo a literatura do exílio assumiu seu lugar como um *topos* da experiência humana. Ou ainda como se realiza a experiência dos intelectuais e escritores exilados na medida em que o exílio impacta diretamente em seu ofício, a saber, a produção da inteligibilidade sobre si e seu entorno. Tais homens e mulheres passam a andar em ruas, prédios, morar em casas, participar da vida de um povo que não é o seu, deixam lá de algum modo suas marcas assim como deixaram lacunas em seu país de origem, ainda que levado em sua memória na forma de uma idealização que o impede, não raras vezes, de viver o cotidiano da *nova morada*. Se o exílio deixa de ser uma realidade individual e passa a marcar uma geração, temos fronteiras deslocadas, nascimento de *entre-lugares*, inéditas topografias, mais perceptíveis ou menos, a depender de quem olha. Porém, estão lá, as rotas antes impensadas e as descobertas a se realizar.

Pereira (2007) recorda a observação do crítico e escritor argentino Piglia (2001 *apud* 2007) para quem o intelectual periférico está sempre deslocado e lança ao mundo sua *mirada estrábica* que, ao se distinguir daquela do intelectual metropolitano, é também uma inevitável ampliação do escopo de visão. Enquanto o intelectual da metrópole reconhece-se apenas como o centro, o intelectual periférico é forçado a conhecer a margem e o centro, e acostuma-se a transitar em ambos os lugares. No exílio, sua condição de intelectual em trânsito é reforçada. Trata-se, porém, como vimos em Adorno, de uma condição necessária ao intelectual: o descentramento, a lhe possibilitar desconfiar das explicações rasas e das acomodações fáceis.

Neste artigo, busco atentar para um tipo específico de fluxo migratório de causa política: o exílio. Opto por destacar a reflexão, que retoma pontos importantes de *Mínima Moralía* de Adorno, e de *Reflexões sobre o exílio*, na voz de Edward Said. Chamo atenção para a crítica deste aos nacionalismos que trazem em si a causa do desterramento de muitos homens e mulheres, aqueles expulsos de sua casa. A pátria é uma *zona de conforto*

apenas para aqueles que a possuem, o que não é satisfatório uma vez que é esta mesma pátria que cria a separação e o exército de exilados e banidos da dignidade humana, mais acintosamente ou menos. Trago ainda de Said – e de Adorno – a idéia de que a escrita é a mais concreta *morada* do intelectual exilado.

Num segundo momento, aponto para as experiências de intelectuais latino-americanos cujos roteiros de vida foram impactados diretamente pelo exílio no século 20. São eles: Mario Benedetti (1920/2009), Ángel Rama (1926-1983) e Darcy Ribeiro (1922-1997). É possível supor que a ausência da *morada*, especificamente em Darcy Ribeiro, tenha sido compensada em medida generosa pela *invenção* de um novo lar: a América Latina. Passando a se identificar como latino-americano, Darcy tece extensas redes e passa a se dedicar aos projetos nacionais naqueles países que o acolheram. Não é casual ainda que, em seus oito anos no Uruguai, Darcy Ribeiro tenha escrito *O processo Civilizatório* (1978) e, também, *As Américas e a Civilização* (1970), sua forma de reinventar seu pertencimento ao mundo e, também, o mundo.

Refugiados, expatriados e emigrados: o pensamento no exílio

A semântica do exílio é complexa: expatriação, forçada ou voluntária. Expulsar da pátria, degredar, desterrar, banir, extraditar, deportar. Mas também pode significar afastar, apartar, arredar, afastar-se do convívio social.

Há uma possibilidade de se acrescentar à reflexão sobre o exílio, um novo conceito, o de tempo. Todo desterro implica um ‘destempo’ (termo cunhado por Joseph Wittlin), pois o exilado seria despojado não só de sua terra mas também dos acontecimentos de seu tempo que transcorre em seu país enquanto ele está fora. Também, é freqüente que, durante o exílio, se viva em dois tempos simultâneos, no presente da terra que acolhe e no passado que se deixou para trás, sendo que este último pode tyrannizar o presente pela nostalgia do que se perdeu (VOLPE, 2005, p. 82).

Edward Said denominou o século 20 de *era do refugiado, da pessoa deslocada, da imigração em massa* (2003, p. 47). Inicia seu ensaio por esclarecer que embora toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, há algumas distinções entre *exilados*, *refugiados*, *expatriados* e *emigrados*. Recorda que

o exílio tem sua origem na velha prática do banimento que faz daquela pessoa um forasteiro. Mas, os refugiados são uma criação do Estado do século 20 e tem direta conotação política. Na prática, são vítimas inocentes de guerras e de lutas de poder que as transformam em grandes rebanhos humanos desorientados cujo único socorro possível é a ajuda internacional urgente. Os expatriados moram noutro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais sem sofrer as mais rígidas interdições. Os emigrados gozam de uma situação ambígua em que a possibilidade de escolha não lhes foi de toda retirada. Funcionários coloniais, missionários, assessores técnicos, mercenários e conselheiros militares podem, em certo sentido, viver longe de sua pátria, mas não foram banidos. Também, emigrado e imigrante geralmente são aplicados aos casos de motivação econômica para o afastamento do país.

Para o termo exilado, há geralmente como pano de fundo o fenômeno histórico da ditadura que encontra nas ordens de banimento o procedimento jurídico para expulsar aquele que ameaça a nova ordem instalada e que a prisão poderia acarretar manifestações de repúdio ou atos de guerrilha que ameaçariam esta mesma ordem. O exilado sai sem saber se retorna à sua pátria. Seu projeto político e de vida foi derrotado e, a partir deste dado, poderá ou não *reinventar-se* no exterior ou simplesmente desistir. Nisto, vários fatores interferem, dentre eles, as condições materiais de existência, a presença ou não do núcleo familiar, a constituição de uma rede fértil de contatos no exterior, o temperamento daquele que é exilado e de seus mais próximos, suas perspectivas, dentre elas, do fim do exílio, orientarão a forma com que o exilado se relacionará com seu passado, deixado na terra natal e recriará seu presente e futuro.

Fato é que o exílio impõe a *ruptura* com um mundo de referências basilares, obrigando o exilado à inescapável experiência do desenraizamento. A diferença está no que fazer a partir desta experiência que, num primeiro momento, expressa apenas perdas, e as mais dolorosas. A princípio, o exilado alimenta uma imagem congelada do passado que pode vir a se tornar idílico, quando sua *pátria* é transformada no melhor lugar do mundo com a negação ou amenização, por mecanismos psicológicos, dos sofrimentos e das extorsões. A força de atração das raízes pode ser tal que leva o exilado a interagir basicamente com outros da mesma nacionalidade, dificultando ainda mais sua adaptação, ou ainda a gravitar geograficamente em torno do seu país, apesar dos riscos à segurança. Nascem outras dificuldades na relação do

exilado com o país de acolhida que acalentam o desejo crescente de voltar. São as mais frágeis possibilidades de volta que afetam diretamente a organização do cotidiano.

Nalguns casos, o desenraizamento rouba da pessoa o ânimo para recomeçar, o que implica um esforço de *alfabetização* não apenas na língua, mas nas convenções do novo país, nos hábitos e modos de ser dos mais banais ou mais estratégicos. Às vezes, paradoxalmente, o sucesso na adaptação dá ao exilado um sentimento de perda definitiva de sua identidade pregressa o que causa em alguns desespero e automático recuo. Assim, por mais que obtenham êxito, Said (2003) observa que os exilados são sempre excêntricos que sentem sua *diferença* (ao mesmo tempo em que, com frequência, a exploram) como um tipo de *orfandade*. Aqueles que realmente estão privados de uma casa no sentido material consideram isto uma afetação, mas seu impacto é concreto dentre os que se viram expulsos de sua pátria: agarrando-se à diferença como a uma arma a ser usada com vontade determinada, o exilado insiste em seu direito de recusa a pertencer a outro lugar que não o seu de origem. Disto resulta uma vida duplamente alienada: com relação ao que está longe, mas quer viver, e com relação ao que está perto e tem que viver, mas não quer (CAVALCANTI; RAMOS, 1978, p. 172 *apud* MUNHOZ, 2005).

Esta é a *síndrome do desterro*, mal que se traduz na *dor de querer voltar para casa*. Os exílios massivos da segunda metade do século 20 instigaram os países a aprovar leis de imigração com um grau de rigor crescente. Ainda quando vencida a barreira da língua, ou quando esta não chegou a existir e, ao menos para a comunicação mínima, não há dificuldades para quem habita o estrangeiro, o exilado enfrenta toda sorte de problemas políticos ou burocráticos que, no limite, levam-no a inúmeros recomeços, vagando de um país a outro, até um estabelecimento. Guardadas as diferenças entre imigrantes de um modo geral e exilados, em particular, acompanho Rollemberg (1999, p. 42-44) ao questionar a veracidade da idéia de que o migrante partiu voluntariamente de sua terra natal e para ela pode voltar quando quiser. Assim sendo, mesmo na ausência de maus-tratos ou violações aos direitos humanos, há inúmeras barreiras ao *forasteiro* que se explicitam, dentre outros, na competição no mercado de trabalho. Boa parte das vezes em que se obtém uma fonte de renda para seu próprio sustento e da família, nem por isso o exilado exerce o seu ofício ou a sua profissão.

Não é de espantar se o exilado, permanentemente desconfiado ou mesmo amedrontado, traduza tais sentimentos em atitudes intransigentes que não são ignoradas com facilidade pelos que travam com este contato. Obstinação, exagero, *tintas carregadas* são suas características, métodos – eficazes ou não – para levar o mundo a aceitar sua visão, mas que ele torna mais inaceitável porque contraditoriamente não está disposto a vê-la aceita. *É a visão dele, afinal de contas* (Said, 2003). Compostura e serenidade são as últimas coisas associadas à vida e à obra dos exilados. Os artistas no exílio tornam-se decididamente ainda mais teimosos, enunciando isto em suas obras mais elevadas.

A afirmação da personalidade não é uma estratégia desconhecida para os que se sentem enfeitados num contexto social, embora não seja a de todos. Silviano Santiago ao narrar *El labirinto de soledad* de Octavio Paz, destaca que Paz traz para o palco da representação ensaística latino-americana o *pachuco*, “mexicano de quatro costados, um dos extremos a que pode chegar o mexicano, morador intruso nos Estados Unidos, concidadão americanizado, uma nova espécie de imigrante e pária, em Los Angeles e, ao mesmo tempo, figura de malandro, dândi e conquistador” (*apud* MIGLIEVICH RIBEIRO, 2010b, p. 7).³ Define o *pachuco* como *não-ser* que se debate num *eterno desafio*. Pré-iluminista e pós-moderno, o desclassificado social responde à hostilidade do ambiente pela afirmação exasperada de sua personalidade. De uma situação negativa da experiência humana, por um algum novo acontecimento – aparentemente banal – o *pachuco* é capaz de introjetar o valor positivo da vida e, em movimento posterior, extrair disto um “híbrido prenhe, enriquecido, explosivo e aberto à utopia” (*apud* MIGLIEVICH RIBEIRO, 2010 b, p. 7).

A recusa aos rótulos e à busca de novos valores é explícita no caso daqueles que têm a arte e a escritura como segunda pele. Para os últimos, a escrita torna-se sua *âncora* e sua *bússola* no enfrentamento da diversidade de (des)estímulos. O texto é sua *trincheira* diante da derrocada final, a assimilação acrítica à nova cultura, *fratura* incurável entre seu *eu* e seu verdadeiro lar. A tristeza daí decorrente, entretanto, pode vir a ser, num aparente paradoxo, o gérmen de seu heroísmo, persistência e triunfo. Para superar a dor mutiladora da separação, as realizações no exílio podem se tornar mais grandiosas do que seriam noutras circunstâncias. A consciência da perda pode fazer emanar uma força surpreendente de reinvenção. A frustração que liberta uma energia desconhecida e propulsora de inéditas ações. Sabe-se, por exemplo, que a

moderna cultura ocidental é, em larga medida, obra de exilados, emigrantes, refugiados. Homens e mulheres que fizeram da sentença de banimento a inauguração do *novo*, no sentido arendtiano,⁴ ao mesmo tempo em que puderam sobreviver a um cotidiano árduo.

Said (2003) chama atenção para o fato de que, nos Estados Unidos, o pensamento acadêmico, intelectual e estético é o que é devido aos intelectuais de diferentes origens, refugiados do fascismo, do comunismo e de outros regimes opressores. Seria uma cruel leviandade dizer que o mundo se tornou melhor devido aos numerosos exílios cuja angústia e o sofrimento de massivos contingentes humanos ou da experiência singular de um único ser humano jamais poderemos decifrar, mas, concretamente, o mundo até hoje é produto de tais exílios e dos incontáveis deslocamentos de pessoas e povos. Quaisquer avanços em termos de hospitalidade humana ou, no mínimo, reconhecimento do outro em seus direitos humanos é produto daqueles que conheceram o exílio e de suas lutas. Said prossegue:

É preciso pensar nos camponeses refugiados sem perspectiva de voltar algum dia para casa, armados somente com um cartão de suprimentos e um número da agência. Paris pode ser a capital famosa dos exilados cosmopolitas, mas é também uma cidade em que homens e mulheres desconhecidos passaram anos de solidão miserável: vietnamitas, argelinos, cambojanos, libaneses, senegaleses, peruanos. É preciso pensar também em Cairo, Beirute, Madagascar, Bangkok, Cidade do México. À medida que nos afastamos do mundo do Atlântico, a cena se torna mais terrível e lastimável: multidões sem esperança, a miséria das pessoas *sem documentos* subitamente perdidas, sem uma história para contar. Para refletir sobre muçulmanos exilados da Índia, haitianos nos Estados Unidos, habitantes de Bikini na Oceania, ou palestinos em todo o mundo árabe, é preciso deixar o modesto refúgio proporcionado pela subjetividade e apelar para a abstração da política de massas. Negociações, guerras de libertação nacional, gente arrancada de suas casas e levada às cutucadas, de ônibus ou a pé, para enclaves em outras regiões: o que essas experiências significam? Não são elas, quase que por essência, irrecuperáveis? (SAID, 2003, p. 49).

Nação, exílio e intelectuais latino-americanos: sobre Darcy Ribeiro, Ángel Rama e Mario Benedetti

Na segunda metade do século 20, numa conjuntura internacional de Guerra Fria, Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai foram abalados por movimentos políticos que resultaram em governos conduzidos por ditaduras civil-militares. No Paraguai, um general tornou-se presidente em 1958 com um golpe de Estado, sendo reeleito por oito mandatos consecutivos, desfrutando, assim, por 35 anos do mais longo governo militar já visto na América Latina. No Brasil, em 31 de março de 1964, os militares depuseram o Presidente da República João Goulart e assumiram o governo do país até 15 de março de 1985. No Chile, em 11 de setembro de 1973, um golpe militar também colocou na presidência um general que permaneceu até 1990. O Uruguai que, entre 1942 e 1973, viveu um importante período democrático, retomando o debate político das três primeiras décadas do século 20, interrompido durante os governos ditatoriais entre 1933 e 1942, experimentou a ascensão dos movimentos em prol da democracia e a diversificação dos espaços culturais e intelectuais, particularmente, entre 1945 e 1955, mas viu, também, a força da ditadura retornar quando seu presidente civil deu um golpe de Estado em seu próprio governo, em 27 de junho de 1973, apoiado pelos militares que permaneceram no poder até 1985. Em 24 de março de 1976, as Forças Armadas argentinas assumem o Executivo depondo o então presidente e instalando governos militares até 1983. Portanto, se o Chile, a Argentina e o Uruguai, entre as décadas de 1960 e 1980, serviram de refúgio a muitos que já sofriam as perseguições da ditadura em seu país de origem, isto não durou.

Ainda assim, o Uruguai foi o país onde, mesmo não tendo premeditado, Darcy Ribeiro se abrigou enquanto lhe foi possível, fugindo da prisão e da morte, após o Golpe de 1964. O antropólogo e educador, então chefe da Casa Civil do Governo deposto de João Goulart, saiu de Brasília para o Rio Grande do Sul e dali, num pequeno avião, foi levado por amigos para Buenos Aires. O avião, porém, aterrissou em Salto, situado a 500 quilômetros de Montevideú, e, diante das tropas da polícia Uruguai, Darcy Ribeiro num rompante pede asilo político, vindo a se instalar em Montevideú. Seu caso não é isolado. Outros brasileiros seguem também para o Uruguai democrático, fugindo da ditadura brasileira.

Darcy Ribeiro procurou imediatamente por Mário Cassinoni, seu amigo e reitor da Universidade da República. A família deste, diante do estado grave de doença em que Cassinoni encontrava-se, não pôde acolher Darcy, mas sem demora Luis Carlos Benvenuto, Secretário da Comissão de Cultura da Universidade da República do Uruguai, e Domingo Carlevaro, então estudante de Direito, representante estudantil na Comissão de assuntos Universitários, hoje, professor na Universidade, vão ao seu encontro para recebê-lo. A partir deste primeiro momento, Darcy Ribeiro envolveu-se nas inúmeras tarefas da universidade, também dando aulas e, assim, garantindo a remuneração para seu sustento e de Berta, sua mulher. Participou ainda de importantes publicações, como a *Enciclopedia Uruguaya*, a *Víspera* e, como não poderia deixar de ser, a *Marcha*. Sua estréia na *Marcha* é marcada pela entrevista concedida a Ángel Rama, amigo para o resto da vida.⁵

Ángel Rama, Carlos Quijano, Emir Rodríguez Monegal e Mario Benedetti compunham a geração de *Marcha*, nome derivado do semanário *Cuadernos de Marcha*, projeto editorial da *Acción*, responsável pela publicação do semanário, fundado por Carlos Quijano, em 1939, para o qual os demais também escreviam e através do qual alcançaram projeção nacional e internacional. Reavivando as idéias efervescentes nos anos 1920, de Mariátegui, Luis Alberto Sanches, Juan Marinello, Ricardo Latcham e Alberto Zum Felde, a Geração Crítica *Marcha* nucleou um expressivo grupo de intelectuais que foram responsáveis por uma profunda transformação das agendas políticas e culturais do Uruguai de meados dos noventa. Seus preceitos, mantidos desde sua fundação, eram o nacionalismo latino-americano, o anti-imperialismo, o socialismo com notas liberais e o antimilitarismo. A *Marcha* vinha ainda estabelecer uma produção artística e literária que romperia com a tradição elitista europeizante, passando a produzir uma literatura fundada no mundo urbano de seu próprio tempo, cujas personagens com seus dilemas pessoais e existenciais faziam parte do cotidiano muitas vezes violento, angustiante ou banal, das tantas pessoas comuns (COELHO, 2008; REIS, 2008). Ángel Rama explica aquele propósito:

Non escolhemos a literatura latino-americana por ser superior ou mais qualificada, mas simplesmente porque nela estamos, nela somos. Do mesmo modo que não escolhemos a terra em que nascemos com seus problemas, entendemos que não atender às suas exigências, e inclusive às suas adversidades,

implicaria uma traição que, mais que ao país e à sociedade, seria a nós mesmos. Algo que nos anularia [...] Somos os únicos que podemos valorizá-la de maneira legítima, porque a conhecemos de forma íntima e espontânea; as leis que a regem, os reais sabores que utiliza, o empenho estrutural que a conduz (RAMA, 2008, p. 66).

Segundo Rama (2008), naqueles anos marcados por trágicos episódios, os intelectuais brasileiros descobriam a América Hispânica, e vice-versa, em suas singularidades políticas e culturais. Alteridades se tocavam através também de Mario Pedroza, no Chile, Ferreira Gullar, na Argentina, Francisco Julião, no México, dentre outros, que se tornavam, em condições infelizes, *embaixadores de sua cultura* entre os grupos afins. Podia-se perceber assim uma fraternidade entre os exilados, praticada internacionalmente. Nestes casos, o exílio conseguia construir uma existência em rede, uma associação permanente em razão, sobretudo, do oponente comum, isto é, as arbitrariedades políticas cometidas naquele tempo.

Em 27 de junho de 1973, conforme já se mencionou, o governo democrático do Uruguai sofria um novo golpe militar, sendo que muitos uruguaios foram obrigados a tomar o caminho do exílio; com eles, também, os brasileiros novamente desabrigados, em busca de um novo pouso. Em 11 de setembro do mesmo ano, o Chile de Salvador Allende foi derrubado pelas tropas de Pinochet, um dos casos mais sentidos nacional e internacionalmente, detonador de um abalo sísmico na esquerda latino-americana, dado o agravante de representar o fim do sonho dos militantes esquerdistas daquele período.

Rama estava na Venezuela, desde 1972, para ministrar um Curso na Escola de Letras da Universidade Central, quando foi surpreendido pelo golpe militar e não pôde regressar ao Uruguai. A violência dos militares sobre os redatores de *Marcha* e o fechamento da Revista inclui a prisão dos vários participantes do semanário, o exílio de Carlos Quijano, Diretor do semanário, e outros, também, o desaparecimento de Julio Castro, editor do periódico (COELHO, 2002).

O exílio de Rama é narrado pelo próprio em seu *Diário 1974-1983*. O auto-biografado permite-nos apreender em seus escritos seu percurso compulsório de exilado, tomado pela sensação de instabilidade e impedido de fixar raízes, num desconcerto vital. Algumas expressões e imagens no *Diário* como *desfiladeiros pedregosos* ou *cataclismas* reforçam tal quadro marcado pela

insegurança. O *Diário* entrelaça aos sentimentos de angústia a ausência de perspectiva de futuro. Nele, ganham força as idéias de estranhamento, a consciência de ser estrangeiro num outro lugar (Venezuela, 1º. Exílio). O *Diário* ocupa a função de escuta: “- Não tenho com quem falar” (RAMA, 2002, p.98-9). Em situação de errância, Rama se asila, conforme fizeram outros, em seus escritos,

Assim, Darcy Ribeiro, ainda no Uruguai, segundo Rama, entregou-se com excepcional devoção à elaboração de seus livros antropológicos: *O processo civilizatório*, publicado em 1968 e *As Américas e a Civilização*, no ano de 1969. Sem ter dúvidas sobre a importância do exílio na produção literária e cultural de Darcy Ribeiro, Ángel Rama diz: “Pienso que un libero imaginativo y talentoso como Las Américas y la civilización de Darcy Ribeiro hubiera sido imposible sin estos largos años de exilio que le permitieron recorrer y vivir por años en diversos países y zonas del continente” (RAMA *apud* COELHO, 2002, p. 212).

Na Venezuela, não é casual que Rama receba a delegação latino-americana a fim de planejar a organização da *Biblioteca Ayacucho*. Dentre os convidados, como não poderia deixar de ser, Darcy Ribeiro, além de outros intelectuais brilhantes expurgados de sua pátria: Sergio Buarque de Holanda, Leopoldo Zea, Arturo Ardao e Roberto Fernández Retamar. Num contexto de escalada ditatorial na América Latina – com exceção da Venezuela, Colômbia e México – a *Biblioteca Ayacucho* foi, segundo Noé Jitrik, “una de las tentativas más importantes para hacer algo concreto y efectivo, de signo inequívocamente latinoamericano” (*apud* COELHO, 2002, p. 221). Parecia claro àqueles homens de letras e de ciência que a principal tarefa na qual deveriam insistir era a de transformar a si próprios numa ativa filial da cultura de sua nação para vencer o genocídio cultural da ditadura. Mais do que escrever sobre o exílio, o autor que escreve no exílio reivindica sua condição de escritor.

Paul Ricoeur (2005 *apud* MIGLIEVICH RIBEIRO, 2010b) propõe a narrativa como capaz de nos reconciliar, mesmo que nunca definitivamente, com nossa experiência humana, na medida em que lhe damos sentido. Pela atitude reflexiva, é possível modificar a direção do olhar e identificar ângulos inusitados da realidade. Como dissera Husserl, pai da fenomenologia, é na fusão entre subjetividade e objetividade, *observador-observado*, que o mundo se revela. Pela narrativa, aparecem as espessuras do tempo, os ritmos

diferenciados, os tempos distintos e os entremeios que são cruciais para que eventos e acontecimentos ganhem distinção no enredo contado.

Os intelectuais-escritores no exílio são narradores privilegiados de experiências sob as quais muitos sucumbiram. Edward Said, falando a partir da academia norte-americana, estabelece uma nova condição para o intelectual forasteiro, a do *outsider*, fora dos dogmas, partidos, autoridades sociais, sem afiliações. Sua função seria a de perturbar o *status quo*, a de questionar os privilégios de classes, raças, gêneros, a de atestar e universalizar as crises, associar sua experiência às de outros e dar maior escopo humano ao sofrimento para que o que acontece em um lugar não se repita em outro. Desde que o exilado se recuse a ficar sentado à margem, afagando uma ferida, há coisas a aprender, mas, para tal, inspirado em *Mínima Moralia* de Adorno, Said corrobora que “o intelectual exilado deve cultivar uma subjetividade escrupulosa, nem complacente nem intratável” (SAID, 2003, p. 71).

Segundo Leandro Konder (*apud* BRANCHER; SOUZA, 2009, p. 214), Brecht, exilado, dizia que não havia nada mais dialético do que a cabeça de quem vive no exílio. O exilado é obrigado o tempo todo a pensar. Suas certezas são filtradas pela dúvida. Quando acha que está familiarizado com o lugar onde está, alguém ou algo à sua volta recorda-lhe sua condição de forasteiro. Grande parte da vida de um exilado é ocupada em compensar a perda desorientadora mediante ocupações que exigem um investimento mínimo em objetos e valorizam a mobilidade e a perícia. Em acordo com Said (2003), o novo mundo do exilado parece-se com a ficção. Assim é, também, a percepção da escritora contemporânea chilena Isabel Allende, hoje casada com um norte-americano e residente em São Francisco, Califórnia, após itinerâncias desde seu exílio do Chile pós-Pinochet. Em um de seus romances, intitulado acertadamente *Meu país inventado* (2009), a escritora narra suas memórias num misto de recordação e de imaginação tendo como marco suas referências afetivas. É emblemático seu depoimento:

Tenho sido forasteira durante quase toda a minha vida, condição que aceito por não dispor de alternativa. Várias vezes, vi-me forçada a partir, rompendo laços e deixando tudo para trás, a fim de recomeçar em outra parte do mundo; tenho peregrinado por mais caminhos do que sou capaz de recordar. De tanto despedir-me, secaram minhas raízes e tive de criar outras, que, à falta de um lugar geográfico no qual aprofundar-se, foi na memória que se fincaram (ALLENDE, 2009, p. 11).

Em seu mundo imaginário, como diz Said, a escrita, o intelectual-escritor- exilado empresta significado ao mundo e pensa o impensável. A mulher que conta sua própria vida revela não se conceber mais como tendo uma única pátria. Em sua peregrinação, viveu em várias pátrias e nestas sobreviveu, reinventando seu cotidiano e de sua família, recriando sua identidade. Hoje, os lugares em que morou, trabalhou, perdendo ou ganhando, compõem sua memória e é ao narrá-la que traz à luz suas raízes. Sabe, porém, o quão suas narrativas são subjetivas, portanto, como suas raízes são mais mobilizadas ou menos ao sabor de sua narrativa. Não há *essencialismo identitário* algum a ser resgatado. Nesse sentido, a idéia de nação mesma soa-lhe estranha.⁶

Tenho uma imagem romântica do Chile congelado no começo da década de 1970. Durante anos acreditei que quando a democracia voltasse tudo seria como antes, mas mesmo essa imagem congelada era ilusória. Talvez o lugar de que me sinto saudosa jamais tenha existido. Quando o visito, tenho de confrontar o Chile verdadeiro com a imagem sentimental que levei comigo durante 25 anos. Como vivi muito tempo fora, tenho tendência a exagerar as virtudes e a esquecer os traços desagradáveis do caráter nacional [...]. Construí a idéia de meu país como um quebra-cabeças, selecionando as peças ajustáveis ao meu desenho e ignorando as demais [...]. Criei também uma versão de mim sem nacionalidade ou, melhor, com múltiplas nacionalidades. Não pertencço a um território mas a vários, ou talvez só pertença ao âmbito da ficção que escrevo. Não pretendo saber o quanto de minha memória são fatos verdadeiros e o quanto foi inventado por mim, pois não me cabe a obrigação de traçar linha a linha entre uma coisa e outra (ALLENDE, 2009, p. 216).

Para a romancista chilena, a constatação do crítico literário Said acerca do desligamento do exilado de sua nacionalidade é familiar. Edward Said, implacável com o nacionalismo, enxerga-o necessariamente como um *anti-humanismo*, por funcionar inexoravelmente como máquina geradora de apartações, perseguições e exílios.

Benedict Anderson (2008) definira a nação como uma *comunidade política imaginada*. Eric Hobsbawm (2008) falara numa tradição inventada de forma dual, isto é, embora construída de cima para baixo, pela elite

governante, somente pode ser compreendida se analisada de baixo para cima, considerando as idéias, sentimentos que partem do povo. Volpe explica:

O perpetuamento desse projeto nacional necessitaria de uma espécie de afirmação e reconhecimento contínuo por parte dos indivíduos que compõem a nação, através de um plebiscito, em que esses indivíduos expressem seu desejo de nação e reconheçam sua própria identidade articulada a esse projeto. A narrativa pedagógica operaria através de uma escolha de fatos cronológicos, eliminando aqueles que não oferecem uma continuidade discursiva ao projeto como um todo (VOLPE, 2005, p. 58).

O nacionalismo é a declaração de pertencimento a um lugar, a um povo, a uma herança cultural, é a afirmação de uma pátria criada por uma comunidade de língua, cultura e costumes. Todos os nacionalismos têm seus pais fundadores, seus textos básicos, quase sagrados, seus marcos históricos e geográficos, seus inimigos e heróis oficiais que garantem a legitimidade da retórica do pertencimento. Com o tempo, os nacionalismos bem-sucedidos atribuem a verdade exclusivamente a si mesmos e relegam à ilegitimidade e à inferioridade os outros. Para Said (2003), o exílio é a prova cabal do caráter intrinsecamente nocivo dos nacionalismos ao separar pessoas, grupos, territórios, casas.

Fato é que na fronteira entre *nós* e os *outros* localiza-se o perigoso terreno do *não-pertencimento*, para o qual, na era moderna, imensos agregados de humanidade se deslocaram como refugiados sobrevivendo à mais profunda solidão: o alijamento de sua existência comunal. A estes, após tanto sofrimento, acaba por parecer-lhes como a salvação seu pertencimento a uma nação, como a única maneira de lhes ser assegurada sua dignidade humana. Os exilados sentem uma necessidade urgente de reconstituir suas vidas rompidas e desejam ver a si mesmos como parte de uma ideologia triunfante ou de um povo restaurado. O exílio é uma condição ciumenta, conforme diz Said. Não é surpresa, portanto, que no exílio nasçam os mais inflamados discursos nacionalistas. O ponto crucial, contudo, é que ao traçar linhas ao seu redor e ao redor de seus compatriotas misturam o sentimento exagerado de solidariedade de grupo com o de hostilidade exaltada em relação aos de fora. Reiniciam, assim, o ciclo da separação, do ódio e dos novos do exílio, que por terem sofrido, supunha-se desejarem superar.

O que poderia ser mais intransigente do que o conflito entre os judeus sionistas e os palestinos árabes? Os palestinos acham que foram transformados em exilados pelo povo proverbial do exílio, os judeus. Mas os palestinos também sabem que seu próprio sentimento de identidade nacional foi alimentado no ambiente do exílio, onde todos que não sejam irmãos de sangue são inimigos, onde cada simpatizante é agente de alguma potência hostil e onde o menor desvio da linha aceita pelo grupo é um ato da mais extrema traição e deslealdade. Talvez este seja o mais extraordinário dos destinos do exílio: ser exilados por exilados, sobreviver o processo de desenraizamento nas mãos de exilados (SAID, 2003, p. 154).

Se o isolamento e os frequentes deslocamentos podem produzir no exilado um tipo de narcisismo que resiste a todos os esforços de criação de novos vínculos, algo como fazer do exílio um *fetiche*, uma prática que distancia o exilado de quaisquer conexões e compromissos, podendo-se viver cinicamente como se tudo a sua volta fosse temporário e trivial; a adoração do Estado, no outro extremo, tende também a suplantiar quaisquer outros laços humanos, dentre eles, o humanismo. Não é incomum, portanto, a sedução dos partidos, movimentos nacionais ou do Estado. O exilado recebe a oferta de um novo conjunto de afiliações e a chance de estabelecimento de novas lealdades.

É relevante perceber que a questão nacional tem um sentido completamente diferente para os intelectuais críticos latino-americanos no exílio. Pablo Neruda, no exílio, não abdica de sua condição de *triste desterrado* que leva consigo *as essências longitudinais* de sua pátria.

[...] Eu me despeço. Volto à minha casa, em meus sonhos. Volto à Patagônia, onde o vento golpeia os estábulos e salpica de frescor o Oceano. Sou nada mais que um poeta: amo a todos, ando errante pelo mundo que amo. Em minha pátria, prendem-se mineiros e os soldados mandam mais que os juízes. Entretanto, amo até mesmo as raízes de meu pequeno país frio. Se tivesse que morrer mil vezes, ali quero morrer. (NERUDA, *Eu aqui me despeço*, s/d).

Segundo Benedetti, marco na literatura do Uruguai e da América Latina,⁷ o intelectual crítico latino-americano jamais se descola da problemática das nações de seu continente. Seu empenho, por via da escrita e da arte, é quebrar a hegemonia imperialista, negociar os espaços de

enunciação e buscar *cartografar* geografias de resistência, reinventando a norma hegemônica e fazendo ressoar a voz dos vencidos no violento projeto de colonização, então, interpelado (VOLPE, 2005, p. 13). Para os latino-americanos *de esquerda*, o fortalecimento de sua nação vinha inseparável da integração latino-americana em face das históricas opressões sofridas pelos colonizadores europeus no passado e pela hegemonia norte-americana no continente, mais recentemente; por fim, diante de uma ordem global cujas imposições nascem nos países do norte e se impõem sobre os países do sul.

O sonho da América Latina unida e autônoma surge como contraponto à opressão do mercado que, até então, não se presta à superação da pobreza no eixo Sul-Sul. Não desconhecem a grave questão dos exilados – e são eles exemplares destes – mas supõem o exílio como produto, sobretudo, do imperialismo norte-americano que teria promovido as ditaduras no século 20. A resposta para isso não estaria no desaparecimento do Estado-Nação, mas no combate às forças imperialistas com as quais os governos ditatoriais na América Latina haviam se aliado.⁸

Walter Mignolo (2003) é capaz de explicar tal estratégia, consciente ou não, dos exilados das ditaduras latino-americanas. Observa que a cultura é como um modo de sobrevivência num dado território, o exílio configura-se, também, num território, o *entre-lugar*, logo, a cultura que é política, no sentido de despertar um *ethos*, cria, por sua vez, elos inéditos e vinculações que num outro território – cada qual na sua pátria – talvez, não viesse a existir. Para Mignolo, torna-se fundamental nos dedicarmos a examinar como, neste novo território (o exílio) os laços de pertencimento podem ser costurados, que enunciações podem dele partir, que horizontes ele apresenta não discerníveis para quem não é dali. Em suma, pergunta, como identificar nos interstícios do exílio, a territorialidade capaz de promover critérios novos de semelhança entre as gentes? Como a crítica no exílio pode contribuir para atualizar os modos pelos quais, até hoje, organizamos o mundo? Noutros termos, o exílio pode ser, apesar da ruptura nele explicitada – e por isso mesmo – o lócus para uma nova cognição, a *gnose liminar*? Portanto, para novas ações que tenham em vista, justamente, se evitar a repetição dos traumas já conhecidos?

Considerações Finais (ou desdobramentos para análise)

O fenômeno migratório contemporâneo, dentro do qual se inserem o refugiado e o exilado, como espécie de migração forçada, revela *fraturas* na experiência da dignidade humana. Hannah Arendt, em sua clareza analítica, notava a impossibilidade cada vez maior da convergência entre os *direitos humanos* e os *direitos dos povos* desde os horrores da 2ª Guerra Mundial (ARENDDT, 1979), quando se teve clareza de que, não necessariamente, a pessoa tinha em seu Estado-Nação a proteção de seu bem maior: a vida. Efetivamente, a humanidade ingressa no século 21 sem respostas para o surgimento em larga escala de refugiados e apátridas – os expulsos da trindade *Povo-Estado-Território*.

Se aplicarmos a tese de Axel Honneth acerca da *luta por reconhecimento* que, inspirada em Hegel, dos tempos de Jena, somada às análises mais recentes da psicologia de Georg Mead e Winnicott, podemos enxergar a motivação moral dos conflitos, a saber, o sentimento de indignação que tem como lastro o sofrimento e o trauma. Para o teórico crítico contemporâneo de Frankfurt, não há autoconfiança, auto-respeito e auto-estima que se constituam fora de um contexto de reconhecimento mútuo.⁹ O banimento, nesta perspectiva, merece o tratamento de uma negação de reconhecimento, algo nada banal, que pode acompanhar a existência de centenas de milhares de pessoas.

O exílio, conforme pudemos dissertar, é um estilo de vida levado fora da ordem habitual que não dá ao exilado jamais a sensação de repouso ou segurança. É verdadeiro que, paradoxalmente, isto pode lhe propiciar uma apreensão mais generosa dos acontecimentos que, no caso dos intelectuais exilados, revelou-se numa escrita crítica afiada e sofisticada num só tempo, capaz de ver além do que os intelectuais jamais deslocados conseguiam. Theodor Adorno, Edward Said, Angel Rama, Mario Benedetti e Darcy Ribeiro escreveram e muito nos tempos de exílio. Também escreveram sobre o exílio por eles vivido.

Edward Said (2003) observa que, sabedor dos riscos e da premência da contenção do medo a todo instante, o intelectual exilado desenvolve um tipo especial de ousadia, inscrita na sua *performance*, que lhe permite agir em qualquer lugar como se estivesse em casa. Há um prazer específico nisto em que pese, na tendência à dissimulação, o inevitável desgaste dela decorrente. Para todos, a despeito de como lidam com isto e em que circunstâncias, o

exílio constitui uma destituição. É a partir dela que conformam seu novo olhar.

O olhar do *deslocado* como descreve Adorno em *Minima Moralia* expressa um ganho ao pensamento crítico se o intelectual exilado consegue manter-se austero em face de um redemoinho de pessoas, lugares, ambientes, apelos, aparências, ameaças, facilidades, inaptações, negociações nas quais se vê envolvido. A perspectiva crítica, a reserva intelectual, a coragem moral são virtudes potentes a serem cultivadas pelo pensador no exílio. Adorno tende a se referir a uma lucidez de quem mais de perto vê o caráter provisório e relativo dos construtos humanos. Por esta pista, podemos pensar que sequer haveria hoje as chamadas teorizações pós-coloniais sem a experiência das margens, do trânsito, das perdas, do estranhamento, do estrangeiro e do hibridismo.

Enquanto a maioria das pessoas tem consciência de uma cultura, de um país; os exilados têm consciência de, pelo menos, duas versões de cada ambiente. Os hábitos de vida e as atividades novas ocorrem inevitavelmente contra o *pano de fundo* da memória dessas coisas noutro lugar, aquele do qual se afastou e/ou foi afastado. Assim, ambos os contextos são vividos como reais, como no contraponto. Se o exilado está consciente de outras justaposições contrapontísticas, a simpatia compreensiva tende a se superpor às ortodoxias, ainda que isto exija um esforço intelectual, como nos falara Adorno.

Os exilados sabem, sobretudo, que, num mundo contingente, as pátrias são sempre provisórias, fronteiras e barreiras que, num momento, nos fecham na segurança de um território familiar, noutro, tornam-se prisões. O intelectual exilado atravessou fronteiras, rompeu barreiras (da experiência e do pensamento), a ele é facultada uma visão, se não mais verdadeira, mais original, a do mundo inteiro como uma *terra estrangeira* que pode levar, otimistamente, a se elaborar novas oportunidades de convívio entre os humanos e, podemos acrescentar, entre os humanos e sua *casa*, o planeta.

Permito-me pensar que os frankfurtianos, judeus fugidos da Alemanha nazista beberam de uma fonte não muito diferente daquela dos intelectuais da diáspora negra e mesmo dos latino-americanos que escaparam das ditaduras, violência e pobreza, ou aos três. Não falo aqui sequer de matriz teórica. Refiro-me à ausência do lar e à *vida prejudicada* ainda que possamos, dialeticamente, ver, no vazio de oportunidades e na insegurança, germinar, por vezes, uma produção inédita e poderosa que desfaz a imagem do exilado

como o *desterrado/coitado* que purga em terras estrangeiras um destino errante, sempre em busca de uma identidade perdida. Para grande parcela dos intelectuais, o exílio representou trabalho infatigável, alargamento de pontos de vista e a consequente sofisticação da crítica.

Focalizando especificamente a América do Sul e Central, palco de embates sangrentos ao longo do século 20 como decorrência de golpes militares e da resistência a eles, líderes políticos, intelectuais e pessoas atuantes na construção democrática foram expulsos de seu país de origem e tiveram que se exilar em países vizinhos ou distantes até que a situação política no seu país se normalizasse

Darcy Ribeiro esteve entre estes homens em consequência do Golpe Militar, em 1964, oito deles passados no Uruguai. Foi no Uruguai que se declarou latino-americano e escreveu *O processo civilizatório. Etapas da evolução sócio-cultural* (1ª Edição, 1968). A respeito desta obra disse: “É um livro latino-americano, brasileiro, escrito no Uruguai” (RIBEIRO, 2007, p. 224). A partir daí, inaugurou a série de 6 (seis) livros chamados *Estudos de Antropologia da Civilização*, do qual fazem parte *As Américas e a Civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos* (1ª Edição 1969), *Os brasileiros – teoria do Brasil* (1ª Edição, 1969), dentre outros. Todos *filhos do exílio* e de suas novas moradas.

Benedetti sabia que “há mais exílios, expulsões, sempre há mais: a doença, o analfabetismo, a fome, a inveja, a impotência. Todas são expulsões da vida plena. E, na província alheia, está a morte, que é o exílio final, o irreparável, o exílio para o qual nascemos” (BENEDETTI, 1986, p. 12). Podemos elaborar assim as diversas formas de exílio que têm marcado a espécie humana. A experiência do reconhecimento negado ou errôneo produz cisões de personalidade e rebate na realização de talentos e, portanto, na vida plena de centenas de milhares de seres humanos. Ainda assim, o intelectual no exílio é capaz de extrair sua força de criação precisamente do que lhe foi usurpado: a calma de quem nunca saiu de seu lar ou este nunca lhe fora arrancado. Cabe, então, fazer repercutir as palavras de Said (2003, p. 60): “para o intelectual, o exílio neste sentido metafísico é o desassossego, o movimento, a condição de estar sempre irrequieto e causar inquietação nos outros”.

Referências

- ADORNO, Theodor. *Mínima Moralía*. Reflexões a partir da vida lesada. São Paulo: Azougue, 2008.
- ARENDETT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1979.
- ALLENDE, Isabel. *Meu país inventado*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BENEDETTI, Mario. *El desexilio y otras conjeturas*. Buenos Aires: Nueva Imagen, 1986.
- BRANCHER, Ana; SOUZA, Fábio Francisco Feltrin. Políticas na exterioridade. Notas sobre o exílio de escritores latinoamericanos. *Revista Esboços*. PPGHST/UFSC, n. 20, 2009, p. 205-221.
- COELHO, Haydée Ribeiro. O exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai. *Aletria. Revista de Estudos de Literatura*. V. 9 - Alteridades em Questão. UFMG. Dezembro 2002, p. 211-225. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em 7 de março de 2011.
- COELHO, Haydée Ribeiro. Mapa, memória, localidade e arquivo: diálogo latino-americano. *Calígrama – Revista de Estudos Românicos*. Belo Horizonte, v.13, n.1, dez. 2008, p. 95-112.
- COUTO, Mía. *Terra sonâmbula*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence (Org.). *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 2008.
- HONNETH, Axel. *Luta por Reconhecimento*. A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.
- MIGLIEVICH RIBEIRO, Adelia Maria. Condição humana, condição cidadã: um ensaio sobre a dignidade da política e os desafios do novo Estado democrático. *Revista de Ciências Sociais*. Unisinos, 42(1), jan/abr 2006, p.12-18.
- MIGLIEVICH RIBEIRO, Adelia Maria. “Modernidade-Colonialidade, Nação e Autonomia em Darcy Ribeiro: fundamentos e propostas de desenvolvimento. Edital Cátedras Ipea/Capes para o Desenvolvimento – Chamada Pública 0001/2010. *Projeto de Pesquisa*, 2010a, p. 1-20.
- MIGLIEVICH RIBEIRO, Adelia Maria. Narrativa e reconciliação em *O Povo Brasileiro* de Darcy Ribeiro. *Naveg@ américa. Revista electrónica de la Asociación Española de Americanistas [on line]*. 2010b, n. 5, p. 1-14. Disponible en <<http://revistas.um.es/navegamerica>>. [Consulta: 9 de março de 2011]

- MIGNOLO, Walter. *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.
- MOLICA, Fernando (Org.). *10 reportagens que abalaram a ditadura*. São Paulo: Record, 2005.
- MUNHOZ, Solange. Aproximações ao tema do exílio e à experiência de escritores argentinos e brasileiros. *Revista de Letras*, São Paulo, 45 (2), 2005, p. 59 – 80.
- NERUDA, Pablo. *Eu aqui me despeço*. Poesia, s/d. <http://pt.scribd.com/doc/7074740/Pablo-Neruda-Coletanea>. Acesso em 9 de março de 2011
- PEREIRA, Maria Luiza Scher. O exílio em *Páramo* de Guimarães Rosa: dilaceramento e superação. *Psicanálise & Barroco – Revista de Psicanálise*. v.5, n.1: jun. 2007, p. 7-21,
- RAMA, Ángel. *Diário 1974-1983*. Prólogo, edición y notas de Rosario Peyron. Montevideo: Trilce, 2002.
- RAMA, Ángel. *Literatura, cultura e sociedade na América Latina*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização: processo de formação e causas do desenvolvimento cultural desigual dos povos americanos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1970.
- RIBEIRO, Darcy. *O processo civilizatório*. Etapas da evolução sócio-cultural. Petrópolis: Vozes, 1978.
- REIS, Mateus Favaro. O debate intelectual uruguaio sobre a América Latina e os EUA do pós-segunda guerra: entre democracias e revoluções. *História Revista*, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 461-482, jul./dez. 2008.
- ROLLEMBERG, Denise. *Entre raízes e radares*. São Paulo: Record, 1999.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SANTIAGO, Silviano. *As raízes e o labirinto da América Latina*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.

Notas

* Artigo submetido à avaliação em 04 de fevereiro de 2011 e aprovado para publicação em 07 de março de 2011.

¹ O artigo articula-se ao Programa *Cátedra Ipea-Capes para o Desenvolvimento* do qual a autora é pesquisadora-bolsista sênior com o projeto “*Modernidade-colonialidade, Nação e Autonomia em Darcy Ribeiro: fundamentos e propostas de desenvolvimento*”.

² Utilizo aqui a tradução de Gabriel Cohn cujo subtítulo ficou *Reflexões a partir da vida lesada*, na edição de 2008.

³ Entre 1946 e 1951, Paz passou estudando nos Estados Unidos, em Berkeley na Califórnia, e em Paris. Escreve na abertura do livro: “E devo confessar que muitas das reflexões que fazem parte deste ensaio nasceram fora do México, durante os dois anos de permanência nos Estados Unidos”. (*apud* Santiago, 2006, p. 19). Santiago assinala que, *em ritmo de sobrevivência no mundo universitário antigo gringo, Octavio Paz se redescobre mexicano ao representar a si na figura por excelência do pachuco*. Cf. (SANTIAGO, 2006).

⁴ Cf. Miglievich Ribeiro (2006).

⁵ A interlocução entre Ángel Rama e Darcy Ribeiro continua além das fronteiras geográficas, espreadando-se pelos escritos dos dois autores. A discussão do regionalismo no contexto de América Latina e da transculturação aparece em *Transculturación narrativa en América Latina*. O crítico uruguaio menciona, dentre outros textos, *As Américas e a civilização*, para evidenciar o relacionamento entre unidade e diversidade na América Latina. É importante acentuar que o enfoque do regionalismo nos dois autores esteve presente na reflexão ocorrida nos seminários da Universidade da República, no Uruguai e permanece em *As Américas e a civilização*, *Transculturación narrativa en América Latina* e em *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Nesses textos, a mestiçagem, para Darcy Ribeiro, e a transculturação, para Ángel Rama constituem categorias teóricas importantes para o entendimento da cultura brasileira e da literatura latino-americana, respectivamente. Cf. Coelho, *O exílio de Darcy Ribeiro no Uruguai*, 2002.

⁶ É expressiva a passagem quando Isabel Allende se diz norte-americana, não apenas por morar e trabalhar na Califórnia e estar casada com um norte-americano, mas sobretudo pelo impacto nela causado pelo fatídico *11 de setembro*, desta vez, como diz, não o do dia do Golpe de Pinochet no Chile, mas o do ano de 2001, quando o mundo testemunhou o atentado suicida de dois aviões sequestrados pela Al-Qaeda que derrubaram as Torres Gêmeas do *World Trade Center*, em Nova Iorque, explodindo os aviões e matando todos a bordo totalizando, com a tragédia, 2.996 pessoas, incluindo os 19 sequestradores, de acordo com os números oficiais divulgados. A esmagadora maioria das vítimas era civil, incluindo cidadãos de mais de 70 países. Cf. também acerca dos dados da tragédia U.S. *Department of State, Office of International Information Programs*. Acessado em 9 de março de 2011.

⁷ Escritor de obra extensa e multifacetada que inclui, em 50 anos de produção, romances, contos, poesias, ensaios, crônicas, crítica literária, teatro e jornalismo. Sessenta títulos publicados em cerca de 300 edições (mais de 1 milhão e meio de exemplares), obras traduzidas em mais de 20 línguas, dez adaptações para a televisão e o cinema, além de poemas musicados. No Brasil, foi publicada a tradução de alguns de seus poemas, *Antologia Poética* (1989), e dois romances *A trégua* (1989) e *Quem de nós?* (1992). Cf. Volpe, 2005.

⁸ Foi comprovada, em 1992, através de documentos da polícia secreta do Paraguai, a existência de uma cooperação regional aos regimes militares que governaram o Brasil, a Argentina, o Paraguai, o Uruguai e o Chile, chamada *Operação Condor*, com a ciência do governo norte-americano, conforme demonstram documentos secretos divulgados pelo

Departamento de Estado em 2001. Sua justificativa era a necessidade da desmobilização dos grupos terroristas de ideologia socialista apoiados por Cuba de Fidel Castro e pelos governos socialistas da então União Soviética e da República Popular da China com o fito de expandir o modelo de ditadura proletária para todos os países da América Latina. Ainda que não se tenha podido comprovar a participação ativa dos Estados Unidos na Operação Condor, fato é que os governos ditatoriais na América Latina tiveram o apoio do Governo dos USA. Cf. Molica (2005).

⁹ Honneth especifica as três dimensões do reconhecimento: 1) na esfera dos íntimos, o indivíduo experimenta o amor/afeto capaz de constituir sua autoconfiança; 2) no reconhecimento jurídico tem-se a garantia da integridade do sujeito o que lhe permite o desenvolvimento do auto-respeito; 3) a estima social que possibilita que atributos diferenciados possam ser apreciados pelos grupos sociais de pertencimento, conferindo ao portador experiências propiciadoras da auto-estima. Cf. Honneth (2003).